

POVOS ORIGINÁRIOS, AFRICANOS E AFRODESCENDENTES – COLONIALISMOS E OUTRAS HISTÓRIAS: CONTRIBUIÇÕES DA TRANSMODERNIDADE E DA INTERCULTURALIDADE PARA A CONSTRUÇÃO DE CURRÍCULOS OUTROS NO ENSINO DE HISTÓRIA EM PERSPECTIVA DECOLONIAL E CONTRA COLONIAL

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é apresentar algumas reflexões empírico, teórico e metodológicas oriundas de discussões de estudos sistematizados a partir em dois grupos de pesquisa do campo da Educação e de observações de campo feitas a partir de pesquisa de pós doutoramento ainda inconclusa. Em linhas gerais o trabalho resulta do esforço em apresentar uma proposta de reorientação cronologia e temática para estudo e ensino do chamado ‘período colonial’ no Brasil com o objetivo de desconstruir as atuais e mais frequentes interpretações históricas que privilegiam as experiências do homem branco e colonizador em detrimento das vivências de povos originários, africanos e afrodescendentes. A pesquisa, assim como os estudos bibliográficos, teve como principais referências autores latino americanos do campo da educação referenciados pelas discussões de Memória, Ensinos de História e da Decolonialidade entre outros. A pesquisa aponta para a necessidade de se construir novas referências de memória, cronológicos e conceituais para o trato de temas como o colonialismo, resultando assim na construção de novas histórias e aportes didáticos efetivamente assentados e referenciados pelas experiências dos povos originários e afrodescendentes e suas leituras de mundo em terras panorâmicas. A pesquisa ainda sugere a importância de ser considerar as possibilidades de contribuição entre as perspectivas da decolonialidade e do contra colonialismo. Esta última como meta-sentido da primeira e aquela como uma efetiva e oportuna ferramenta de ação da segunda com vistas a contenção e eliminação do colonialismo.

Palavras-chave: Ensino de História, Currículo, Decolonialidade.

INTRODUÇÃO

As observações apresentadas neste singelo poster confluem (I) de reflexões orientadas a partir dos encontros regulares do Grupo de Estudos sobre o Cotidiano, Educação e Culturas/PUC-Rio (GECEC); (II) de experiências enquanto líder e vice-líder do Laboratório de Ensino de História do Cap-UERJ e da docência na licenciatura do curso de História da UERJ e na Educação Básica do Cap-UERJ, e (III) mais específica e recentemente, a partir do exercício empírico, teórico e metodológico de observações de campo feitas nos municípios no Rio de Janeiro e Santa Catarina desde setembro de 2023 a partir de pesquisa de pós doutoramento junto ao Programa de Pós Graduação em Educação/UFSC e apoiada pelo Grupo de Pesquisa Patrimônio, Memória e Educação (PAMEDUC).

O objetivo principal deste trabalho é refletir acerca de uma nova sistemática de abordagem curricular dirigida ao chamado período colonial, entre os séculos XVI e XVIII e que corroborem para a construção de Histórias que efetivamente levem em consideração as vivências, as perspectivas e ações dos povos originários e afrodescendentes que se encontravam fora do pleno subjugo da sociedade branca e colonial ou que marcadamente lhes impuseram resistência e/ou negociação.

Chegamos ao século XIX construindo perspectivas de mundo que vão, de certa forma, parecer muito antagônicas entre si. Mas mesmo o materialismo histórico, impulsiona uma análise e compreensão da história através de narrativas totalizantes, de uma forma ou de outra o paradigma seja nesta ou em outras perspectivas se mantém universalizante. E é esse paradigma moderno que o século XX colocou em questão. Krenak (2020)

Segundo Dussel (1994) a modernidade como um importante paradigma que nos rege até hoje em várias das dimensões da vida e do conhecimento e, sobretudo do ponto de vista ideológico, contudo afirma que não existe o pós-moderno, simplesmente porque em sua perspectiva de análise a modernidade ainda não acabou. Para o autor o processo de superação da modernidade é mais dilatado no próprio tempo e mais complexo do que a simples intuição e/ou advento igualmente cartesiano de um novo tempo pós moderno, para ele o que se segue no bojo das atuais conjecturas é a construção de uma ambiência “transmoderna”.

Dussel, com o intuito de rechaçar o racionalismo universalista e a razão dos pós-modernos, apresenta o conceito de transmodernidade. Sendo assim, o autor nega a razão da irracionalidade que justifica a violência do mito moderno, da guerra justa colonial e outras violências trazidas pela colonialidade até os dias atuais. A transmodernidade afirma a razão do outro, que a modernidade negou. Dussel neste sentido defende uma *razão solidária* posto que esta seria capaz de enxergar o outro.

Outra contribuição central desta perspectiva é a delimitação do conceito Modernidade não apenas como um demarcador de um novo tempo historicamente determinado, mas sim como um elemento constitutivo do próprio colonialismo e da colonialidade.

Por fim, o conceito de Interculturalidade Crítica, formulado por Wash (2009) que resulta, em primeiro lugar, do reconhecimento dos riscos advindos pelas limitações do próprio multiculturalismo, aspecto também discutido por outros pensadores como Candau (2008), e em segundo lugar, advém do esforço de se evitar um ‘interculturalismo funcional’ destinado a ‘incluir’ sujeito diferentes, mas nunca emancipá-los ou ceder às minorias a liderança mantendo-os subalternizados em meio aos processos macro sócio econômicos do capitalismo globalizado.

Na perspectiva de Wash um interculturalismo crítico apoia-se na determinação pela *valorização* e *racialização* dos sujeitos como dois vetores fundamentais ao processo de aprendizagem e (re)construção identitária tendo a autora como principais pontos de apoio a destas duas proposições, respectivamente Paulo Freire e Francis Fanon.

METODOLOGIA

A pesquisa procurou focar no trabalho de levantamento, leituras e sistematização de material bibliográfico de cunho teórico a respeito dos conceitos básicos e auxiliares do projeto bem como de material bibliográfico de cunho mais empírico a respeito das algumas experiências de resistência ocorridas entre os séculos XVI e XVIII. Ainda durante o segundo semestre de 2023 no Rio de Janeiro foram feitas importantes visitas entrevistas de campo as comunidades indígenas da Aldeia Maracanã, Aldeia Paraty Mirim e o Quilombo do Campinho. Durante o primeiro semestre de 2024/1, já em território catarinense foram feitas visitas e entrevistas de campo junto as comunidades indígenas Guaranis Tekoa Itaty, Mbyá-Gurarani e Casa de Passagem e comunidade Quilombo Morro do Boi.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação ao observado e analisado até aqui frente ao levantamento bibliográfico a maioria das obras que contêm contribuições mais atualizadas acerca da memória e história afrodescendentes e de povos originários das terras pindorâmicas se encontram dispersas em sua maioria em publicações e materiais digitais e configuram abordagens mais pontuais de episódios e/ou períodos históricos e/ou povos/nações que nem sempre trazem proposições reestruturantes ou mais críticas das atuais periodizações que orientam as seleções curriculares mais usuais. Uma das hipóteses preliminares a respeito considera que, de maneira geral, toda essa inovação de saberes, temas e conceitos ainda não se constituiu, em função de inúmeras resistências em vários campos/níveis, um referencial suficientemente aceito especialmente entre pesquisadores/autores/escritores da academia e produtores de material didático como aporte para revisões mais profundas dos clássicos modelos de explicação da História do Brasil fundeados a partir dos primeiros esforços de construção da História Nacional pelo IHGB novecentista até meados do séc. XX. Ou ainda, que toda essa inovação não está razoavelmente divulgada, compartilhada ou em uso frequente entre docentes e discentes, em especial na

educação básica e na formação de professoras/es em geral. Outra hipótese, especialmente construída a partir do campo em Florianópolis é a percepção de que tais produções na verdade se tornam concretas a partir de uma visão de mundo mais próxima ou plenamente associada ao campo do contra colonialismo, resultando daí não uma perspectiva histórica que aceita como devir a revisão da história de ares universalista colonialista, por mais de(s)colonial que esta revisão possa ser, mas sim como motor de outras perspectivas históricas que bastam em si e em suas conexões com suas populações de origem, territórios e memórias, sejam elas indígenas ou quilombolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ponto de vista histórico as observações bibliográficas e de pesquisa vem até aqui permitindo afirmar com segurança que é possível, dentro de uma perspectiva histórica decolonial, sugerir um novo padrão cronológico e organizativo da história do Brasil considerando que em primeiro lugar não é didática e razoavelmente adequado considerar, como comumente induzem supor os manuais de história que o território pindorâmico chamado hoje de Brasil se torna plenamente uma colônia de Portugal já a partir de do século XVI até pelo menos fins do século XVIII e esta observação exige uma profunda revisão no atual conceito de colonialismo.

Observa-se que entre os séculos XVIII ao XIX que o território pindorâmico sofre efetivamente o que convencionamos chamar de uma virada colonialista efetiva, resultante do definitivo e violento avanço das forças colonizadoras, fossem elas metropolitanas ou bandeirantes, o que por fim segue ainda sendo reforçado ao longo de todo o século XIX até início do XX por força da opressão de espadas dos governos imperial e republicano. Por fim para a necessidade de se observar (I) as perspectivas do Contra colonialismo e da Decolonialidade como partes de um campo de reflexão e de ação pertencentes a um único gradiente e (II) que em certa medida, no atual contexto de avanço de perspectivas ultra reacionárias, se tornam mais efetivas quando alavancadas como estratégias complementares entre si nas suas relações de combate aos colonialismos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, H. M. e RODRIGUES, J. R da - Construindo currículos de História decoloniais, interculturais, antirracistas e transmodernos nas salas de aula da Educação Básica. CANDAU, M. V. F. - **Cotidiano, Educação e Culturas: Realizações, Tensões e Novas Perspectivas**. Rio de Janeiro: Ed. Dos Autores, 2023.

KRENAK, A. **Idéias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. June 2020.

MOURA, C. - **Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas**. São Paulo: Edições Zumbi, 1959.

PAIM, E. P.; MIRANDA, C.; ARAUJO, H. M. M. **Em busca de histórias Outras: perspectivas decoloniais na América Latina**. 1 ed. Curitiba: Was Edições, 2022.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas*.

LANDER, E. (Org.) Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005, p.55-70. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colon

RESTREPO, E. e ROJAS, A. **Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**. Editorial Universidade del Cauca, 2010.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, A. B. dos – **A terra dá, a terra quer**. Editora: UBU: 2023.

WALSH, C. - **Agrietar la Uni-versidad. Reflexiones interculturales y decoloniales por/para la vida**. México: Universidad Pedagógica Nacional y Lengua de Gato Edicione, 2023.

_____. Interculturalidad Crítica y Pedagogia De-Colonial: Apuestas (Des)de El-In-Surgir, Re-Existir y Re-Vivir. In. CANDAU, V. M. F. (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-43.